

LINGUASAGEM

LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE¹

Entrevista com Lauro José Siqueira Baldini²

RESUMO

Nesta entrevista, Lauro José Siqueira Baldini explora a complexa e multifacetada interface entre Linguística e Psicanálise, refletindo sobre como esses campos têm se articulado ao longo do tempo. Ele discute o impacto da Psicanálise na Análise do Discurso e nas teorias linguísticas, especialmente em relação ao conceito de ideologia e à crítica do sujeito psicológico tradicional. Baldini também aborda a importância da divulgação científica e a necessidade de reavaliar criticamente as práticas de tradução do conhecimento acadêmico para o público mais amplo. A entrevista enfatiza, ainda, a relevância das questões decoloniais nos estudos linguísticos e psicanalíticos, sugerindo uma reflexão sobre como esses campos podem contribuir para a compreensão mais profunda das estruturas de poder e das identidades culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Psicanálise; Divulgação científica.

ABSTRACT

In this interview, Lauro José Siqueira Baldini explores the complex and multifaceted interface between Linguistics and Psychoanalysis, reflecting on how these fields have been interconnected over time. He discusses the impact of Psychoanalysis on Discourse Analysis and linguistic theories, particularly regarding the concept of ideology and the critique of the traditional psychological subject. Baldini also addresses the importance of scientific dissemination and the need to critically reassess the practices of translating academic knowledge for a broader audience. The interview further emphasizes the relevance of decolonial issues in linguistic and psychoanalytic studies, suggesting a reflection on how these fields can contribute to a deeper understanding of power structures and cultural identities.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Psychoanalysis; Scientific dissemination.

Linguística e Psicanálise: uma relação de nunca acabar

¹ Entrevista concedida no dia 10 de janeiro de 2024, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição, retextualização e revisão desta entrevista foi composta por Gabriel Galdino da Silva, Isabelle Batista Pachioni e João Pedro Albertim Vieira, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Doutor em Linguística, professor no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Ele atua na área de Análise de Discurso, trabalhando na articulação entre esta disciplina e os campos do materialismo histórico e da psicanálise, atuando principalmente no estudo das relações entre linguagem, inconsciente e subjetividade (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: laurob@unicamp.br.

Entrevistadores(as): Em suas pesquisas vemos mobilizados, em especial, dois campos de saber: a Linguística e a Psicanálise. Em que consiste essa interface entre esses dois campos e qual a sua importância? Trata-se de uma interface conhecida por estudiosos da linguagem e da Psicanálise?

Lauro Baldini: A relação entre Linguística e Psicanálise é um tema complexo e cheio de nuances. No contexto do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), onde atuo, essa interação vem sendo promovida há um bom tempo e tem sido bastante produtiva. A Psicanálise, por meio dos trabalhos da professora Nina Leite³ e do Centro de Pesquisa Outrarte⁴, exerce uma influência evidente no fomento dessa interface no campo dos estudos linguísticos. Eu mesmo tenho atuado no entremeio entre Psicanálise e Política, sobretudo através de uma reflexão sobre o luto e da orientação de trabalhos que buscam esse tipo de interlocução entre Psicanálise, Linguística, materialismo histórico etc⁵. No entanto, é importante notar que essa relação nem sempre é concebida, por ambos os campos, como uma interface viável e direta. Muitos linguistas desconhecem o trabalho e os princípios da Psicanálise, especialmente em um cenário acadêmico onde o cognitivismo predomina. Mesmo a Psicanálise estando presente e ativa em uma série de pesquisas na área de estudos linguísticos, essa relação nem sempre é recíproca por parte dos psicanalistas.

Se olharmos além do âmbito específico da Linguística, não podemos ignorar a influência da Psicanálise na Análise do Discurso. Autores como Michel Pêcheux⁶ e Eni Orlandi⁷ assumiram essa interseção entre os dois campos como algo relevante, o que se

³ Formada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1974), mestre em Desenvolvimento Infantil e Psicologia Educacional pela *University of London* (1978) e doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Com ampla experiência na área de Psicologia, sua atuação se concentra principalmente em Psicanálise e Linguagem, abordando temas como corpo e linguagem, linguagem e psicanálise, escrita, além de clínica e linguagem (Fonte: Plataforma Lattes).

⁴ Centro de Pesquisa vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), dedicado a investigações interdisciplinares nos campos da Psicanálise, das Artes e da Linguagem. Cf. site: Centro de Pesquisa Outrarte.

⁵ Cf. site do grupo de pesquisa PsiPolis (Psicanálise, Política, Significante): <https://www2.iel.unicamp.br/psipolis/>.

⁶ Linguista e filósofo francês, conhecido como idealizador da Análise do Discurso na década de 1960, integrando aos estudos da linguagem a teoria marxista e princípios da psicanálise. Suas ideias influenciaram profundamente os estudos sobre linguagem, ideologia e poder. Pêcheux destacou-se por analisar como os discursos refletem e moldam as relações sociais e as estruturas de poder.

⁷ Linguista brasileira, pioneira nos estudos de Análise do Discurso no Brasil e responsável pela divulgação da obra de Michel Pêcheux. Sua obra explora a relação entre linguagem, ideologia e subjetividade, e no papel dos discursos como norteadores dos sentidos e da produção de identidades. Orlandi é referência central na análise do discurso político e midiático no contexto brasileiro.

reflete claramente em suas abordagens teóricas. Pêcheux, por exemplo, revisita sua concepção de Análise do Discurso sob o prisma da Psicanálise, enquanto Orlandi incorpora elementos psicanalíticos em sua análise da ideologia. Essa interação entre Linguística, Psicanálise e Análise do Discurso se manifesta de diversas maneiras ao longo da história, refletindo os contextos teóricos e acadêmicos predominantes em cada período.

Entrevistadores(as): Como a Psicanálise pode contribuir com os estudos da linguagem na atualidade, tendo em vista esse histórico de relações entre as duas áreas?

Lauro Baldini: Uma das formas de destacar a importância da interface entre Linguística e Psicanálise é a capacidade de gerar novas perguntas, especialmente aquelas que exploram aspectos intrigantes da linguagem. No meu caso específico, ao abordar a questão da ideologia, fui influenciado pela Psicanálise a pensar sobre um aspecto específico da produção de linguagem, o do cinismo e o de sua relação com o assujeitamento ideológico⁸, tal como explorado na tese de doutorado de Patrícia Di Nizo⁹, por mim orientada. A Psicanálise proporciona a emergência de questões inusitadas, incentivando um olhar diferenciado sobre os fenômenos linguísticos. A Psicanálise, portanto, pode impactar positivamente o trabalho do linguista, levando-o a refletir sobre o que deve ser esquecido ou excluído para definir seu objeto de estudo, a língua. Essa perspectiva desafia a ideia convencional de língua, e de seu estudo, tal como concebida na Linguística, e destaca a importância de se considerar o que é deixado de lado nessas abordagens de viés estrutural. A Psicanálise, ao lidar com o que outros campos excluem, instiga o linguista a reconhecer e a refletir sobre o “resto” presente em sua própria teorização.

Uma abordagem linguística dos usos da linguagem influenciada pela Psicanálise se torna mais interessante, especialmente ao se questionar acerca da concepção tradicional de um sujeito psicológico. A Psicanálise desafia a compreensão corrente do sujeito, da

⁸ Cf., entre outros, Baldini e Di Nizo (2015). Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1305>.

⁹ Neste trabalho, *Um ensaio sobre o cinismo: distorções e reapropriações performativas nas práticas discursivas contemporâneas* (2019), a autora aborda como o cinismo se manifesta nas práticas discursivas contemporâneas, investigando as distorções e reapropriações performativas que ocorrem nesses contextos. A tese explora a interseção entre cinismo, ideologia e psicanálise, analisando como esses elementos são performativamente reapropriados no discurso moderno. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1637587>.

pessoa, do falante, instigando uma reflexão profunda sobre esses conceitos fundamentais na Linguística.

Essa relação não deve ser concebida apenas como mão única, pois a Linguística também pode contribuir decisivamente na prática reflexiva do psicanalista. Questões ligadas às políticas linguísticas, muitas vezes negligenciadas na Psicanálise, como a tradução de textos e a diversidade linguística em eventos internacionais, podem despertar o interesse do psicanalista. Assim, há uma troca de influências entre os dois campos, ainda que assimétrica.

Pessoalmente, meu interesse por Ferdinand de Saussure¹⁰, um nome incontornável nos estudos linguísticos, foi efetivamente despertado por minha inserção nos estudos no campo da Psicanálise. Assim, foi por meio da Psicanálise que reconheci a relevância dessa interação. Enquanto alguns linguistas consideram Saussure uma figura histórica de relevo na área, a Psicanálise, por razões distintas, pode motivar a leitura e o interesse por esse autor, revelando uma dinâmica peculiar nessa relação entre os dois campos. Essa interação entre Linguística e Psicanálise, permeada por questionamentos e reflexões recíprocas, contribui para uma compreensão mais rica e complexa da linguagem e do sujeito.

Linguagem, conhecimento e divulgação científica

Entrevistadores(as): O professor é um pesquisador que atua nas áreas de Análise de Discurso e de História das Ideias Linguísticas, mais especificamente na interface entre Psicanálise e Linguística. Dada a importância dos resultados das pesquisas que têm sido produzidas nessa interface, que ações os estudiosos da área têm desenvolvido para ampliar o alcance e o acesso a esse conhecimento?

Lauro Baldini: Na Unicamp, no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), em 2007, foi criado um curso de Mestrado dedicado especificamente ao tema da divulgação científica e cultural¹¹, o que não é muito comum. Há já o interesse em aprofundar as pesquisas nesse tema, com a criação de um curso de Doutorado, o que ainda não aconteceu, mas é bastante

¹⁰ Linguísta suíço, considerado o fundador da linguística moderna e da semiologia. Seus trabalhos influenciaram profundamente os estudos de linguagem, marcando o desenvolvimento das ciências humanas no século XX.

¹¹ Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC). Para maiores informações, cf. <https://www.labjor.unicamp.br/pos-graduacao/mestrado/>.

interessante, porque isso gera uma reflexão efetiva sobre uma prática fundamental para o avanço na produção de conhecimento científico e cultural, e que em geral vinha sendo feito de forma intuitiva. Como pesquisadores de um campo, adotávamos formas de divulgação de nossas pesquisas mais internas ao campo acadêmico, e arriscávamos algumas ações de divulgação externa, para outros públicos, conforme achávamos dever fazer. A criação desse curso de Mestrado teve um impacto muito surpreendente, pois começamos a enxergar a divulgação científica e cultural como uma questão teórica e política, que precisa ser refletida e pensada. Em nossa instituição, hoje, contamos com pessoas trabalhando especificamente com divulgação científica, desenvolvendo pesquisas em nível de Mestrado sobre esse tema, seus desafios e impactos na melhoria da produção e circulação do conhecimento.

A pandemia da Covid-19 também teve um efeito intrigante na expansão da divulgação do que fazemos como pesquisadores, pois, de algum modo, vimo-nos em contato com pessoas com as quais não travaríamos qualquer relação antes. Lembro-me, por exemplo, de como o número de alunos cresceu significativamente, porque passamos a dar cursos e aulas online. Isso gerou uma necessidade de repensar os eventos, as disciplinas e os cursos, sob o signo da divulgação científica, permitindo à universidade abrir-se, por outros meios, à sociedade, e com isso melhorar e expandir as formas de atendimento dessa sociedade.

Todo esse conjunto de ações e reflexões visando a maior abertura do conhecimento produzido na universidade, sua circulação mais ampla na sociedade, ainda está se profissionalizando e se afirmando como uma área de estudos efetiva e institucionalizada. Vejo, por exemplo, o surgimento de *podcasts* relacionados à Linguística, alguns livros e outros materiais voltados para divulgação científica que não foram produzidos nos moldes e pelos meios convencionais do circuito acadêmico-científico. Com essas iniciativas institucionais de criação de cursos de Pós-graduação a esse respeito, o notável é que essas ações de divulgação vêm sendo estudadas e realizadas de maneira refletida, menos intuitiva e amadora, com uma perspectiva de que é necessário pensar em divulgação científica seriamente, teoricamente, utilizando conceitos e estratégias comuns.

Por outro lado, o que vejo nos trabalhos de divulgação científica é a necessidade de avaliar criticamente o que é rotulado como tal, pois sabemos como ideologicamente se constroem certos sentidos de *ciência*, representações do que é ser cientista, definições do conceito de *verdade* e *falsidade*. É importante não só fazer divulgação científica

criticamente, mas também criticar a divulgação científica existente, pois, às vezes, vigora uma ideia ingênua de que se trata simplesmente de uma publicidade, de uma exposição ao público do que a universidade faz. Sabemos que é muito mais complicado, pois dar sentido a muitas coisas implica reconhecer a hegemonia de um paradigma científico meio biológico/cognitivista, que direciona a ciência.

Vimos recentemente um livro, que considero muito ruim, sobre pseudociência, publicado pela autora Natalia Pasternak (2023)¹², no qual ela trata a Psicanálise como pseudociência de maneira pouco crítica, sem argumentos sólidos. Logo depois, os professores e psicanalistas Christian Dunker e Gilson Iannini (2023)¹³ lançaram um livro para lembrar que, ao se falar de Psicanálise e de Ciência, é preciso ser sério, é preciso conhecer aquilo de que se fala e recorrer para isso a autores reconhecidos e a conceitos apropriados. Eles demonstram que não há nada de pseudociência na Psicanálise, a menos que se adote um paradigma muito restritivo de Ciência, o que às vezes ocorre em alguns trabalhos de divulgação científica.

Apesar de alguns problemas, me entusiasmo com as discussões acerca do tema da divulgação científica. Acho que é um lugar interessante para se estar hoje, pois implica em dar visibilidade a certos problemas, discussões e contradições universitárias e científicas, e é bom que isso apareça e se torne visível.

Entrevistadores(as): Tendo em vista a importância da divulgação científica e o desafio de traduzir aquilo que é produzido na universidade para o grande público, que estratégias podem ser adotadas com vistas à melhor circulação dos avanços e conquistas científicas, de suas contradições em alguns casos, e sobretudo de suas contribuições para a sociedade, para a vida de cada um de nós?

Lauro Baldini: É interessante o uso da palavra *tradução*. Ao contrário do que pode parecer, é difícil definir o que é traduzir. Na Linguística, no campo dos estudos de tradução, essa definição é tema de debate, é objeto de discussão. Traduzir é preservar a forma? É preservar o sentido? O que se faz quando se traduz? Eu acho intrigante que se

¹² No livro *Que bobagem!: pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*, a autora aborda crenças que segundo ela caracterizam proposições pseudocientíficas e teorias conspiratórias que circulam na sociedade contemporânea.

¹³ No livro *Ciência pouca é bobagem: Por que a psicanálise não é pseudociência*, os autores referem-se ao livro citado na nota anterior, questionando algumas de suas afirmações, em especial discutindo o estatuto da Psicanálise como ciência, em um contexto no qual é frequentemente questionada ou mal interpretada.

use a palavra *tradução* justamente por essa polissemia, pelo que pode significar *tradução*. Agora, em termos de estratégias, confesso que não sei muito, não é algo que eu reflita de maneira consistente. Por outro lado, a ideia de traduzir o que acontece na universidade para o grande público, me interessa muito, e o tema exige de nós interesse e reflexão.

Nos meus trabalhos, embora eu não trate especificamente dos desafios da tradução do conhecimento científico para a sociedade em geral, o que me interessa nesse tema geral é a reflexão crítica sobre como contemplar, como garantir que grandes parcelas da sociedade que geralmente estão alijadas do debate público ou excluídas da universidade passem a fazer parte dela. Isso implica em uma mudança significativa do que chamamos de divulgação científica, que deve ter um alcance externo, sem dúvida, mas que também deve se adaptar para algo implicado nisso, interno ao campo acadêmico, que é a ampliação e variação dos públicos de estudantes que hoje chegam na universidade e que exigem de nossa parte esforços de tradução, procedimentos de ensino distintos e desafiadores.

Refiro-me, por exemplo – acredito que a UFSCar, disponha de mais experiência nessa iniciativa do que aqui na Unicamp que apenas muito recentemente, nos últimos anos – à adoção do sistema de cotas sociais, raciais e indígenas para ingresso nos cursos, o que fez com que a universidade passasse a ser frequentada por pessoas que trouxeram novas pautas relacionadas à sua existência, à sua história. Então, aquilo de que me ocupo em minhas reflexões não é necessariamente a respeito do diálogo entre a universidade e a sociedade externa a ela. O que tenho buscado ressaltar é o diálogo interno, quando a universidade passa a ser habitada por pessoas que antes não a habitavam. Isso já provoca uma nova maneira de se pensar a divulgação científica, pois esses indivíduos estão na universidade, mas também em lugares como favelas, aldeias indígenas e movimentos sociais.

Isso, por si só, traz muitas e novas demandas que ainda não sabemos como responder a contento, e precisamos que essas pessoas pensem junto conosco e reflitam sobre a universidade estando dentro dela, não fora. Para mim, isso é muito forte, muito radical, no sentido de que mais indivíduos possam habitar o que chamamos de universidade. Indiretamente, isso produz um impacto na visibilidade que a universidade pode ter na sociedade.

Embora não tenha respondido à pergunta exatamente nos termos como ela foi formulada, me ative no que está implícito e compreendido nela e por isso quis ressaltar essa dimensão da divulgação científica, aquela que, com a chegada de novos grupos na

universidade, poderá resultar em importantes conquistas. Isso, para mim, é muito rico. Vou dar um exemplo concreto: eu estava dando aula, acho que no ano passado, e, em um certo momento, como sempre fazia nessa disciplina, estava lendo e discutindo o *Diretório dos Índios* (1775)¹⁴. Só que me dei conta de que este documento é muito ofensivo e agressivo se você é indígena, e eu tinha indígenas na sala de aula. Eles leem aquilo e percebem de um jeito diferente. Trata-se de um texto que, a seu ver, é muito violento. Quando você está em outra posição, lê aquilo como uma curiosidade histórica, como um texto explicativo da nossa sociedade, de como se configuraram as políticas linguísticas no Brasil, como era o meu caso. Mas, se você é indígena, além dessa dimensão, há outra, pois se trata de um texto que fala a seu respeito, e no qual você é tratado como selvagem, simplório e analfabeto. Então, nós como professores temos de repensar o modo como selecionamos os textos e conduzimos sua leitura em aula, uma vez que esses textos passam a produzir também essas leituras e a incidir diretamente sobre seus alunos.

Estudos da linguagem e decolonialidade

Entrevistadores(as): A esse respeito, que contribuições os estudos realizados a partir da interface Linguística/Psicanálise podem oferecer aos estudos decoloniais? Que novas questões e contribuições a intersecção dessas áreas de estudo podem propiciar a respeito de temas como o exemplo que o professor acaba de mencionar?

Lauro Baldini: Por mais recentes que sejam as discussões acerca da decolonialidade, para alguns campos e áreas, gostaria de chamar a atenção para o fato de que entre nós, dos estudos discursivos, reflexões conexas a esse tema já têm uma história. É de 1990 a publicação do livro *Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo*¹⁵, que é um livro clássico no campo dos estudos discursivos e da História das Ideias Linguísticas, escrito pela professora Eni Orlandi, derivado de reflexões que ela já vinha realizando há mais tempo, oriundas de sua pesquisa em arquivos europeus. Naquela época, não se falava em decolonialidade. Essa expressão não existia. Apesar disso, o livro é profundamente

¹⁴ *Diretório dos Índios*, documento produzido e implementado em 1755 pelo Marquês de Pombal, como uma espécie de legislação colonial portuguesa que visava integrar os povos indígenas ao sistema colonial por meio da aculturação e da conversão ao cristianismo. A medida buscava regular as relações entre colonos e indígenas, proibindo a escravidão direta destes povos e promovendo sua educação nos moldes europeus.

¹⁵ *Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo* (1990), de Eni Orlandi, é uma obra que examina o encontro entre as culturas europeia e indígenas no contexto do descobrimento do Brasil, a partir de uma análise discursiva.

decolonial, pois trata de colonialismo e colonialidade, propõe uma mudança de perspectiva e reflete segundo princípios discursivos sobre a lógica colonial. É um livro relativamente antigo, cujas reflexões estão profundamente articuladas com a atualidade dessas discussões. Quando reli *Terra à vista*, já influenciado pelos estudos decoloniais, percebi como há muita coisa radical nesta obra, ainda que nela não se empregue o vocabulário de quem aborda essa pauta hoje.

Da mesma forma, alguns psicanalistas, cujas produções se localizam sobretudo na década de 1970, estão sendo relidos hoje, especialmente por suas contribuições para o debate atual. Refiro-me, por exemplo, à Lélia Gonzalez¹⁶ ou ao Hélio Pellegrino¹⁷. São psicanalistas que vêm sendo redescobertos porque abordaram nesse período questões muito interessantes que foram deixadas de lado por um tempo devido a uma espécie de recolonização da psicanálise brasileira. Há uma fissura em nossa história, na qual se encontram alguns psicanalistas que, embora tenham sido radicalmente combativos e cujos trabalhos tenham se debruçado em questões de raça, gênero e classe, durante um intervalo importante de tempo, deixaram de ser lidos. No caso da Psicanálise, começamos a ler os franceses e esquecemos que há uma história brasileira da Psicanálise, autores e obras que precisamos ler. Portanto, a questão decolonial é algo fundamental tanto na Linguística quanto na Psicanálise no campo acadêmico no Brasil.

Não se pode fazer um trabalho linguístico sério e consistente, contornando o fato de que a Linguística, de que pesquisas realizadas nesse campo se relacionam, de diferentes formas, ao colonialismo. Designações usadas politicamente, como a de *língua nacional*, podem ser algo resultante de muita violência e produtor, ainda hoje, de muita violência. Somos, como nação, um exemplo prototípico disso: o Brasil, embora conte com mais de duzentas línguas em uso em território nacional, é considerado um país monolíngue, funciona oficialmente como um país monolíngue. Isso resulta de um processo discursivo de constituição de nossa subjetividade segundo uma lógica do monolingüismo.

¹⁶ Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma pensadora brasileira, reconhecida como intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga. Ela é uma figura central nos estudos e discussões sobre gênero, raça e classe no Brasil, na América Latina e internacionalmente, sendo vista como uma das principais vozes do feminismo negro no país.

¹⁷ Hélio Pellegrino (1924-1988) foi um renomado psicanalista, poeta e escritor brasileiro, conhecido por sua atuação tanto no campo da psicanálise quanto na literatura e na política. Formado em Medicina, com especialização em psicanálise, Pellegrino foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise e destacou-se por sua abordagem humanista e crítica da prática psicanalítica.

Na Psicanálise, é preciso pensar o quanto de colonialismo está presente na teoria psicanalítica. Quando se fala em sujeito, estamos falando de quem? De um sujeito branco, heterossexual, homem? Em certa medida, a obra de Lacan pode contribuir para o debate sobre a questão decolonial, embora ele também não use o vocabulário contemporâneo e não aborde a questão diretamente. Creio que há espaço no pensamento lacaniano para se pensar a teoria psicanalítica levando em conta o aspecto colonial.

No Brasil, questões de migração e imigração hoje se impõem como tema à Linguística e à Psicanálise, dos quais não há como, nem devemos evitar. Tenho alunos que trabalham com refugiados que não falam português. Como se constrói algo com alguém que não fala sua língua? E não é só isso. Sendo refugiados políticos, o aprendizado compulsório de outra língua, ter de abrir mão de sua própria língua para falar de si próprio e com os seus, é uma relação de violência e opressão de grande impacto.

Na Linguística, sempre se falou das línguas africanas e indígenas como se sua contribuição ao português se restringisse a alguns vocábulos, mantendo a ideia de que não teriam afetado a sintaxe do português, essa dimensão que define uma língua. Lembrome de um trabalho da professora Eni Orlandi, que localiza uma mudança na sintaxe através da análise de uma palavra com a qual se deparou: *netarana*. Ela não sabia o que significava e uma pessoa lhe explicou que a tradução equivaleria à expressão *é como se fosse neta*, e que essa estrutura viria de uma língua indígena. Essa explicação adveio da comparação com a morfossintaxe da palavra *sagarana*, que dá título à obra de Guimarães Rosa (1946)¹⁸, e significa *como se fosse saga*. Trata-se obviamente de uma implicação na sintaxe. É nela que a mudança foi operada, e isso passa despercebido porque sempre nos referimos à nossa língua como sendo uma língua cuja sintaxe é de origem europeia. Mesmo numa perspectiva mais formalista, há trabalhos muito importantes que demonstram o papel significativo que as línguas africanas tiveram na emergência da gramática do português brasileiro¹⁹.

Acho que precisamos estar muito atentos às questões decoloniais para estar à altura das demandas do nosso tempo. Tanto na Linguística quanto na Psicanálise não podemos nos furtar da reflexão sobre a questão colonial. O que chamamos de Brasil é resultado de uma empreitada colonial que envolve genocídio, estupro e várias outras

¹⁸ *Sagarana* (1946) é uma coletânea de contos do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, publicada pela primeira vez em 1946. A obra é considerada um marco na literatura brasileira, sendo notável pelo uso inovador da linguagem e pela exploração profunda do sertão mineiro, suas paisagens e personagens.

¹⁹ Cf., por exemplo, Avelar & Galves (2014).

formas de violência. Portanto, é impensável não fazer referência a isso nos estudos psicanalíticos e linguísticos, inclusive acerca da adoção das próprias formas de designação da questão. Paulo Sérgio de Souza Jr.²⁰, um jovem e importante psicanalista, questiona o próprio termo *decolonial*. Ele argumenta que, em português brasileiro, deveria se empregar a palavra *descolonial*. Segundo ele, o termo *decolonial* seria um modo meio colonialista de falar. Então, até na designação, há o que pensar ao lidarmos com esses empréstimos de vocabulário. Como devemos traduzi-los, sem que no próprio gesto estejamos sujeitos à lógica colonial? Portanto, essa perspectiva das pautas decoloniais, esse modo de considerar nossas práticas hoje é fundamental para fazermos melhor o que fazemos nesses campos de estudos.

Entrevistadores(as): Esse é o tema abordado por Isildinha Baptista Nogueira em seu livro *A cor do inconsciente*²¹, no qual aborda as questões coloniais no âmbito da Psicanálise no Brasil. Como o professor afirma, o colonialismo está tão enraizado em nós que até o nome do nosso país é um nome que, embora indígena, relaciona-se a essa lógica colonial, cuja nomeação se relaciona a um produto, ao pau-brasil.

Lauro Baldini: O nome de nosso país é o nome de uma *commodity*.

Entrevistadores(as): E nós somos brasileiros, e esse nome, assim como o dos ferreiros, padeiros, pedreiros, é formado por esse morfema *-eiro* relativo à profissão, a um ofício, a um trabalho. Nossa designação linguística, como povo, é baseada nisso, no que conseguimos produzir para a Europa.

Lauro Baldini: E essa identidade ainda nos constitui. Precisamos desmatar e destruir porque ainda exportamos *commodities*. Continuamos exportando pau-brasil com outros nomes: soja, café. Isso determina nossa relação com a natureza, que se traduz em uma relação de predação, altamente normalizada entre nós. Tenho me interessado muito no

²⁰ Psicanalista, linguista e tradutor, atua na cidade de São Paulo. Graduiu-se em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp, 2008), com doutorado em Linguística pela mesma instituição (IEL-Unicamp, 2012). pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2014-2016). (Fonte: Plataforma Lattes)

²¹ Nogueira (2021) investiga as interrelações entre psicanálise e questões raciais, com foco no corpo negro, explorando como a cor da pele e o racismo estruturam experiências subjetivas e inconscientes, influenciando a identidade e a percepção de si.

quanto nosso colonialismo está enraizado em nós, e em como isso faz com que também tenhamos uma postura colonialista diante do outro, do mundo. Mesmo sendo brasileiros, mesmo de dentro do nosso país, adotamos uma postura colonialista. E essa é uma questão crucial para nós.

REFERÊNCIAS

AVELAR, J. & GALVES, C. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Linguística** [online], vol. 30, n. 2, pp.241-288, 2014.

BALDINI, L. J. S.; DI NIZO, P. L. O Cinismo como prática ideológica (The Cynicism as ideological practice). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 131-158, 2015. DOI: 10.22481/el.v13i2.1305. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1305>. Acesso em: 26 ago. 2024.

DI NIZO, P. L. **Um ensaio sobre o cinismo**: distorções e reapropriações performativas nas práticas discursivas contemporâneas. 2019. 224 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1637587>. Acesso em: 26 ago. 2024.

DUNKER, C.; IANNINI, G. **Ciência pouca é bobagem**: Porque psicanálise não é pseudociência. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

NOGUEIRA, I. B. *et al.* **A Cor do Inconsciente**: Significações do Corpo Negro. São Paulo: Editora Perspectiva. 2021.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Terra à vista**: discurso do confronto - velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

Como referenciar esta entrevista:

BALDINI, Lauro José Siqueira. Linguística e Psicanálise. [Entrevista concedida a] Gabriel Galdino da Silva, Isabelle Batista Pachioni, João Pedro Albertim Vieira e Luzmara Curcino. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 83-94, 2024.